



Editorial

por Jorge Buescu
[Universidade de Lisboa]

De quatro em quatro anos, no pino do Verão, é o mesmo. Colegas entusiasmados discutem veementemente as suas opiniões. Abrem *sites* na Internet dedicados a apostas sobre os vencedores. O clímax é atingido perante milhares de espectadores e, poucas horas depois, o sucesso está estampado em todos os *media*, electrónicos ou em papel, e os jovens vencedores são recebidos como verdadeiros heróis nos seus países, desmultiplicando-se em entrevistas e exibindo orgulhosamente as medalhas conquistadas.

Futebol? Jogos Olímpicos? Não! Matemática. Coincidindo com os anos do Campeonato Mundial de Futebol (tema da última capa da *Gazeta*), realiza-se quadrienalmente em Agosto o Congresso Internacional de Matemáticos. Em 2010 decorreu em Hyderabad, Índia. E é sempre uma organização esmagadora: milhares dos melhores matemáticos do mundo acorrem aos ICM. É uma honra para toda a vida ser convidado para realizar uma sessão plenária no ICM.

E é no ICM que são atribuídos os prémios mais importantes em matemática: as medalhas Fields. Ao contrário dos Prémios Nobel, não são prémios de carreira mas de juventude, para estimular jovens matemáticos que tenham obtido resultados excepcionais a prosseguirem na senda da excelência – a serem Cristianos Ronaldos da Matemática. Este ano os distinguidos foram o francês Cédric Villani, o vietnamita de escola francesa Ngô Báu Cháu, o russo Stanislav Smirnov e o israelita Elon Lindenstrauss. As suas realizações são brevemente descritas na Secção de Notícias.

Dois factos saltam, no entanto, imediatamente à vista. O primeiro é a forma como estes prémios realçam a misteriosa mas extraordinária ligação entre a matemática mais estratosférica e o seu potencial nas aplicações, sobretudo à física teórica. Lindenstrauss tem resultados profundos em Teoria Ergódica, que tem a sua origem (e implicações práticas!) na Física. Smirnov desenvolveu métodos motivados pelo sistema de Ising. Villani desenvolveu resultados

cruciais sobre a rapidez de convergência longe do equilíbrio no sentido da física estatística de Boltzmann e Landau. E Cháu, na área da geometria algébrica, provou o chamado Lema Fundamental do Programa de Langlands, do qual a única coisa certa é que terá, sem dúvida, implicações – ainda é cedo para saber quais.

Segundo facto: desde 1990, os franceses obtiveram seis medalhas Fields em 12. Não há coincidências: o sistema francês promove a excelência. Entre nós, um vaporoso conceito de “equidade” é interpretado como significando que todos os alunos e professores são iguais – não são! Se algo deve ser meritocrático, é o ensino. Contudo, o nivelamento faz-se por baixo: de ano para ano, de reforma em reforma, o nível médio vai soçobrando por um plano inclinado. Isto é a morte de quaisquer veleidades de “excelência”. Portugal teria muito a aprender com a França: não parece, contudo, existir vontade política para que isso aconteça.

*

* *

Com o presente número da *Gazeta da Matemática* encerra-se um ciclo. A actual Direcção termina o seu mandato em Dezembro e cederá, com a sensação de dever cumprido, o lugar aos jovens. O meu agradecimento pessoal a todos, que me seria impossível nomear individualmente mas entre os quais estão tantos autores quantos nestes três anos ajudaram neste percurso. Haverá naturalmente uma renovação da equipa editorial, da organização e dos conteúdos. Haverá novos desafios estimulantes, como colocar a *Gazeta online*, conseguir uma boa articulação com alunos do Secundário (como Monteiro defendia ser prioritário!) e tantos outros a que o novo Director, o Prof. Rogério Martins, se dedicará. O desafio maior continua, no entanto, a ser o de sempre: levar aos corações de todos os que estiverem disponíveis as razões do amor pela Ciência a que nos dedicamos. 